

REDUÇÃO DE DANOS E CHEMSEX EM APLICATIVOS VOLTADOS PARA HSH¹

Marina DEL REI²

Rubens de Camargo Ferreira ADORNO³

Resumo

O fenômeno "chemsex" refere-se ao uso de substâncias psicoativas em contextos sexualizados com a intenção de sustentação, melhora, desinibição e/ou facilitação da experiência sexual, especialmente por gays e outros homens que fazem sexo com homens (HSH). Este artigo busca compreender e oferecer cuidado significativo para o fenômeno do chemsex no Brasil por meio da redução de danos. Utilizando a etnografia digital, foi criado um perfil de suporte no principal aplicativo de relacionamento voltado para essa população, o Grindr, oferecendo escuta livre de julgamentos e informações de redução de danos para a prática. Os resultados da experiência revelam convergências e discrepâncias em relação à literatura internacional, destacando a relevância do meio digital na disseminação de informações e possibilidades de cuidado para aqueles que enfrentam barreiras de acesso aos serviços de saúde.

Palavras-chave: Redução de danos; etnografia digital; sexualidade; saúde mental; drogas.

HARM REDUCTION AND CHEMSEX IN APPS AIMED AT MSM

1

Abstract

The "chemsex" phenomenon refers to the use of psychoactive substances in sexualized contexts with the intention of sustaining, enhancing, disinhibiting, and/or facilitating the sexual experience, especially among gay men and other men who have sex with men (MSM). This article aims to understand and provide meaningful care for the phenomenon of chemsex in Brazil through harm reduction. Utilizing digital ethnography, a support profile was created on the main dating app aimed at this population, Grindr, offering non-judgmental listening and harm reduction information for the practice. The results of the experience reveal convergences and discrepancies in relation to international literature, highlighting the relevance of the digital medium in disseminating information and possibilities for care for those facing barriers to accessing health services.

Keywords: Harm reduction; digital ethnography; sexuality; mental health; drugs.

¹ Trabalho subvencionado com bolsa concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

² Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: marinadelrei@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1660-2408>

³ Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Saúde Pública, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: radorno@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8772-3222>

REDUÇÃO DE DANOS Y CHEMSEX EN APLICACIONES DIRIGIDAS A HSH

Resumen

El fenómeno del "chemsex" se refiere al uso de sustancias psicoactivas en contextos sexualizados con la intención de sostener, mejorar, desinhibir y/o facilitar la experiencia sexual, especialmente entre hombres gays y otros hombres que tienen sexo con hombres (HSH). Este artículo busca comprender y ofrecer atención significativa para el fenómeno del chemsex en Brasil a través de la reducción de daños. Utilizando la etnografía digital, se creó un perfil de apoyo en la principal aplicación de citas dirigida a esta población, Grindr, ofreciendo escucha sin juicios e información sobre reducción de daños para la práctica. Los resultados de la experiencia revelan convergencias y discrepancias en relación con la literatura internacional, destacando la relevancia del medio digital en la difusión de información y posibilidades de atención para aquellos que enfrentan barreras en el acceso a los servicios de salud.

Palabras-clave: Reducción de daños; etnografía digital; sexualidad; salud mental; drogas.

2

INTRODUÇÃO

No contexto contemporâneo, as práticas sexuais e as dinâmicas relacionadas à sexualidade têm sido objeto de intensas discussões e análises, configurando-se enquanto um território de disputas narrativas. Este artigo apresenta uma experiência de intervenção em saúde em contextos digitais relacionada ao chemsex, ou sexo químico, fenômeno que envolve o uso de substâncias psicoativas em contextos sexualizados para sustentar, melhorar, desinibir e/ou facilitar a experiência sexual a experiência sexual, ocorrendo principalmente entre gays e outros homens que fazem sexo com homens (HSH) (Stuart, 2019; Platteau et al., 2019).

O termo chemsex, junção das palavras *chemical* (químico) e *sex* (sexo), foi introduzido ao meio acadêmico e aos serviços de saúde por David Stuart, considerado o principal pesquisador do tema, que descreve seu surgimento na cena gay de Londres nos anos 90 e sua popularização com a chegada dos celulares e das redes sociais. Naquele momento, substâncias como GHB (ácido gama-hidroxibutírico) e metanfetamina estavam tornando-se comuns na cultura gay londrina, distinguindo-se de drogas como cocaína, ecstasy (MDMA), poppers (nitritos de alquila) e quetamina, que já eram utilizadas anteriormente (Stuart, 2019).

Essas drogas estavam se tornando populares devido ao seu efeito na performance sexual, estimulando a excitação e causando desinibição, o que pode ser particularmente

atraente para homens que se sentem insatisfeitos em relação à sexualidade ou reprimidos quanto ao desejo homossexual, seja por questões psicológicas, culturais ou religiosas. Stuart observou que essas drogas deslocaram a vida social de casas noturnas para saunas e residências, ou seja, de um ambiente de festa para um mais sexual e privado (*ibidem*).

No Brasil, devido à escassez de estudos locais a respeito do tema, ainda não há consenso sobre como essa prática deve ser chamada ou definida. Termos como chemsex, sexo químico, sexo aditivado e "colocação" são frequentemente encontrados nos espaços de sociabilidade e de discussão. As sessões de chemsex costumam incluir práticas sexuais consideradas de risco, como sexo grupal, sexo sem preservativos (bareback) e fisting (penetração anal pelo punho do parceiro) (Platteau et al., 2020). As drogas utilizadas facilitam o exercício de práticas sexuais mais intensas, duradouras e desafiadoras.

A falta de conhecimento sobre práticas de redução de danos pode expor os praticantes a riscos significativos, dado que as consequências negativas após uma sessão de chemsex podem incluir exaustão física, paranoia, depressão e trauma (Stuart, 2019; Platteau et al., 2019). É importante lembrar também que a capacidade de consentimento pode ficar comprometida devido ao entorpecimento, aumentando o risco de violência sexual. Entretanto, reiteramos que práticas de risco estão associadas a "bons motivos subjetivos" e racionalizações que não se alinham ao discurso médico prevencionista da saúde pública (Milhet et al., 2019).

Milhet et al (2019) afirmam que o risco pode ser inclusive parte da diversão para alguns, sem ignorar as consequências ou estratégias de minimização de danos aplicadas por eles próprios. A redução de danos é um conjunto de estratégias que visam a minimização dos possíveis danos relacionados ao uso de drogas, que no caso do chemsex poderiam incluir: testagem de substâncias, método de prevenção combinada, controle de dosagem e interações, hidratação, alimentação adequada e sono de qualidade.

Além disso, o chemsex pode favorecer ligações sociais e conexões em um ambiente afirmativo e inclusivo. É possível que alguns indivíduos vejam o chemsex como uma forma de laço social, uma experiência de afeto e compartilhamento. As sessões de chemsex podem proporcionar um sentimento de conexão e pertencimento, especialmente para aqueles com poucas oportunidades de se sentirem parte de um grupo (Evans, 2019).

Não buscaremos estabelecer critérios fixos sobre o que seria o chemsex problemático neste artigo. É essencial reconhecer a diversidade de experiências, evitando a estigmatização dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, Milhet et al. (2019) sugerem que os pesquisadores considerem a dimensão prazerosa dessas experiências, contrapondo-se às pesquisas focadas apenas nos aspectos negativos. Rubin (2018) alerta para a tendência conservadora de ver as cenas sexuais como obscuras e perigosas, o que não nega a necessidade de tratamento médico ou psicológico para alguns praticantes. Pelo contrário, acreditamos que o sistema de saúde deve estar preparado para oferecer cuidado significativo, culturalmente competente e livre de julgamentos. Portanto, esta pesquisa busca oferecer uma proposta de cuidado sensível através da redução de danos em contextos digitais.

Códigos do desejo: aprofundando o enlace entre chemsex e aplicativos de relacionamento

A revolução sexual/tecnológica que envolve os aplicativos de relacionamento está diretamente relacionada ao fenômeno chemsex (Stuart, 2019). Isso se dá por atuarem tanto como um ambiente de sociabilidade, sendo uma ferramenta que pode (ou não) facilitar os encontros e as negociações em torno das práticas sexuais e do uso de substâncias, quanto como dispositivos que não só influenciam, mas também revelam aspectos da subjetividade dos indivíduos e da maneira como se relacionam sexual e afetivamente.

Segundo Sívori (2005), o desejo homoerótico, categoria desviante perseguida pelos discursos tanto religiosos e jurídico-morais quanto médico-psicológicos, foi construído como uma experiência individual marcada pelo perigo da degradação moral, física e espiritual. Nesse sentido, aqueles com interesse em pessoas do mesmo sexo eram (e ainda são) obrigados a formular estratégias de sobrevivência e resistência. Uma dessas estratégias está relacionada à associação entre sujeitos que compartilham esse modo de desejar, negociando de alguma forma os riscos causados pelo estigma social da homossexualidade na sociedade.

Nesse contexto que tornava desafiadora a busca por parcerias sexuais e afetivas, surgiu o Grindr, pioneiro como aplicativo de relacionamento voltado para o público HSH e baseado em geolocalização. Desenvolvido por Joel Simkhai e lançado em 2009, o Grindr representou uma resposta a uma pergunta essencial na época: "Como posso encontrar outros homens gays?" (Miskolci, 2017).

A ideia de um ambiente digital inclusivo e afirmativo para que homens gays pudessem expressar sua sexualidade com mais segurança e liberdade foi bem recebida pela comunidade, que logo aderiu ao uso do app. Para pessoas que experienciam o isolamento e o medo derivados da homossexualidade, essa promessa se torna bastante atraente e parece funcionar como uma espécie de solução simples para um problema complexo. A respeito do sucesso dessa plataforma, uma pesquisa revelou que 54% dos HSH brasileiros ouvidos acessam aplicativos de relacionamento diariamente e 38% ocasionalmente, demonstrando uma adesão significativa a essa ferramenta por parte dessa população (Torres et al., 2019).

Ainda que para muitos homens apps como o Grindr tenham sido realmente revolucionários, a experiência não é sempre positiva para todos os usuários. Ao mesmo tempo em que a criação de apps trouxe vantagens em relação à facilidade de se combinar encontros e lidar com a insegurança ou timidez, sendo possível arranjar um parceiro ou uma sessão de chemsex quase instantaneamente, essa ferramenta veio acompanhada de uma série de problemas relacionados ao que Stuart chama de "masculinidade tóxica" (Stuart, 2019).

O Grindr já foi alvo de muitas críticas a respeito da maneira como as interações se dão no app (por serem, com frequência, hostis e discriminatórias). Seu próprio fundador, Simkhai, lançou recentemente nos Estados Unidos um novo aplicativo de relacionamento gay (Motto), cuja promessa é oferecer uma experiência menos impessoal, aditiva, repetitiva

e tóxica, admitindo os "efeitos negativos não-intencionais" que o uso do Grindr pode ter sobre a saúde mental de seus utilizadores (Schermele, 2022).

Sharif Mowlabocus (2021) afirma que existe um entendimento comum entre os pesquisadores acerca do fato de que, historicamente, o Grindr promoveu uma compreensão particular da masculinidade gay. O autor argumenta que a forma como o Grindr estrutura as interações, modera o conteúdo do usuário e organiza os dados atua para (re)produzir a política da homonormatividade. Segundo Mowlabocus (2021), a homonormatividade pode ser definida como uma política que não questiona as premissas e estruturas heteronormativas dominantes, mas as respalda e sustenta. Sendo assim, a homonormatividade privilegia e beneficia mais diretamente pessoas brancas, de classe média-alta e cisgênero. Miskolci (2014, p. 66) se aproxima dessa ideia ao reconhecer que há "um ideal gay poderoso em termos políticos, comerciais, midiáticos e até mesmo acadêmicos". Logo, a homonormatividade levada a cabo dentro do app acaba por favorecer a exclusão e estigmatização de todos aqueles que não se enquadram nesse modelo hegemônico.

Stuart (2019) descreve um tipo de comunicação e rejeição "especificamente gay" dentro desses apps, o que implicaria também na necessidade de habilidade do sujeito em se comunicar através de códigos e símbolos para demonstrar suas preferências sexuais (e também suas drogas preferidas), além da capacidade de "se vender" para conseguir se relacionar, podendo ser uma experiência extremamente intimidadora e frustrante. Os critérios para ser bem-sucedido nesses aplicativos estariam ligados à "tribo"/subcultura que o indivíduo pertence, à aparência física, à raça e às expectativas de performance sexual, e aqueles que não se adequam aos padrões são rejeitados e ofendidos com frequência.

Desde 2011, um blog intitulado *Douchebags of Grindr*, em português, "Babacas do Grindr" (tradução nossa) coleciona em seus arquivos imagens de perfis racistas, xenófobos, gordofóbicos, transfóbicos, sorofóbicos e afeminofóbicos do aplicativo, entre outros. Os perfis selecionados contêm descrições como "asiáticos não", "somente brancos", "nada de afeminados" e diversos tipos de discriminação disfarçadas de "preferências" (Daroya, 2017).

Mowlabocus (2021) discorre sobre esse tipo de retórica apoiando-se no conceito de *entitlement racism* ("racismo de direito", em tradução livre), usado para descrever os métodos empregados por alguns usuários de aplicativos de encontros para defender suas próprias práticas de discriminação, alegando que são apenas uma questão de atração sexual, ou seja, em suas perspectivas, algo que existiria "para além da jurisdição da política cultural ou da justiça social" (p. 116).

As próprias *affordances* (possibilidades de interação que um sistema oferece a um usuário) do Grindr reforçam esse tipo de discriminação através da ferramenta de filtragem de perfis. Antes, era possível filtrar com base em etnia. A plataforma retirou essa opção recentemente, depois de alguma pressão externa, mas ainda é possível realizar a busca baseada em porte físico, altura e peso, características que, considerando os ideais homonormativos, favorecem uns enquanto excluem outros. O efeito da rejeição cruel nessas

plataformas pode ser devastador emocionalmente, e é possível que as drogas entrem aqui como a solução para lidar com esse sofrimento e com a falta de autoconfiança (Stuart, 2019).

Como veremos mais aprofundadamente adiante na parte de discussão do campo de pesquisa, os usuários costumam comunicar seu interesse em chemsex em seus perfis através de emojis específicos e expressões como "aditivos", o que facilita uma observação do fenômeno neste ambiente digital. Além disso, existem perfis de vendas de substâncias ilícitas, tornando este espaço não só o principal intermediário entre praticantes de chemsex, como também uma espécie de agregador de tudo que o sujeito precisa para ter uma sessão.

Metodologia

Atualmente, vivemos marcados pela conexão por meio das tecnologias comunicacionais e o acesso à internet via celular proporcionou a experiência de nos tornarmos seres conectados, incorporando a tecnologia como parte do nosso ser e até mesmo da nossa forma de desejar (Miskolci, 2017). Christine Hine (2015) corrobora essa constatação ao afirmar que a internet é, atualmente, um fenômeno que está "embutido", "incorporado" e presente no dia a dia das pessoas, ao ponto em que muitas vezes não pensamos em "ficar online" como uma forma descontinuada de experiência, mas nos encontramos online numa extensão de outras formas corporificadas de ser e agir no mundo.

Segundo Horst e Miller (2020), o digital enquanto campo de investigação para a Antropologia não só pode como deve ser um meio altamente eficaz para refletir sobre o que significa ser humano, pois tornou-se parte constitutiva daquilo que nos torna quem somos. Este pensamento contrapõe-se às abordagens que sugerem que a tecnologia nos tornou menos humanos, menos autênticos ou mais mediados. Pelo contrário: somos tão humanos no mundo digital quanto no mundo analógico ou pré-digital, e o interessante é poder aproveitar o que o digital oferece enquanto auxílio para o entendimento da humanidade (Horst & Miller, 2020).

Para Ferraz e Alves (2017, p. 10), as redes sociais, mais do que promover interações sociais, "produzem e reproduzem comportamentos, valores e preceitos do controle hegemônico desempenhado pela cultura a que estão submetidas". Importante frisar que, apesar das plataformas digitais interferirem nos nossos modos de relacionamento com o mundo, produzindo subjetividades e desejos, procuraremos evitar análises que direcionam a um certo "determinismo tecnológico". Isto significa que entendemos, segundo d'Andréa (2020, p.14), que devemos nos atentar para "os modos como, em meio a um complexo e assimétrico jogo de poder, os usuários e as materialidades se constituem mutuamente", ou seja, de que maneira as tecnologias e as práticas sociais se co-produzem.

Há uma tendência à rotulação das tecnologias enquanto boas ou más, salvadoras ou destruidoras (seja do que for: da humanidade, das relações, do meio ambiente). Entretanto, Horst e Miller (2020) trazem à tona o fato de que a cultura é intrinsecamente contraditória.

Os autores afirmam que, muitas vezes, o que julgamos como implicações positivas ou negativas são consequências inseparáveis da mesma coisa, o que não torna desnecessária a análise crítica de conjuntura desses desdobramentos, como questões relacionadas à política, ao patriarcado, ao racismo ou ao capitalismo. Nesse sentido, as qualidades das consequências de cada tecnologia, em termos de benefícios ou prejuízos, não estão dadas, mas são criadas contextualmente.

Fazer pesquisas na área das substâncias ilícitas costuma ser desafiador por si, mas, no caso do chemsex, dois tabus se unem tornando ainda mais complexa a aproximação de seus praticantes: drogas ilícitas e (homo)sexualidade. A partir de uma análise de estudos internacionais de chemsex, percebe-se que este fenômeno, até nos lugares onde já é considerado um problema de saúde pública, é extremamente difícil de ser mensurado. Isso ocorre por alguns motivos: o medo e o estigma em relação ao uso de drogas ilícitas, o estigma em relação às práticas sexuais envolvidas, o fato de muitos desses homens não identificarem suas práticas como arriscadas, o fato da maior parte das sessões de chemsex ocorrer em ambientes privados e também o fato da maioria dos profissionais não ter conhecimento do fenômeno, prejudicando a identificação do mesmo (Rigoni et al., 2018).

A internet comercial e as redes sociais abriram um campo investigativo fértil na área de gênero, sexualidade e saúde, pois permitiram a criação de espaços de sociabilidade mais seguros para pessoas cujas práticas sexuais e culturais são alvo de perseguição ou julgamento moral (Pelúcio, 2016). A etnografia digital seria, portanto, uma maneira eficaz de acessar populações e práticas que exigem maior discrição e segredo.

Outro aspecto importante referente aos aplicativos é que eles podem funcionar como espaços privilegiados para a transmissão de mensagens sobre redução de riscos para a prática de sexo químico, assim como auxiliar na busca por serviços de saúde, se esse for o caso. Além disso, a segurança e privacidade proporcionadas por ser uma plataforma onde é possível trocar informações de forma anônima e confidencial pode ser muito atraente para pessoas que se sentem envergonhadas e estigmatizadas (Rigoni et al., 2018).

Sendo assim, utilizando a etnografia digital, criamos um perfil no principal app de relacionamento voltado para HSH, o Grindr, oferecendo um espaço livre de julgamentos para compartilhamento de experiências com sexo químico e informações a respeito de estratégias de gestão de prazeres e redução de riscos relacionados ao uso de drogas e práticas sexuais.

Embora a entrada no campo de pesquisa proposto seja relativamente fácil, uma vez que qualquer um pode criar um perfil em um destes aplicativos, construir um relacionamento com os sujeitos é uma questão tanto para a etnografia tradicional quanto para a digital (Garcia et al., 2009). Além disso, o campo digital desafia a noção de fronteiras claras. A ideia de "entrar" e "sair" do campo na etnografia digital também pede uma maior atenção do pesquisador, pois o "carregamos" conosco, já que estamos sempre com nossos celulares por perto atualmente, independentemente de estarmos disponíveis para as demandas relacionadas ao campo que podem surgir. Esse ponto foi, em alguns momentos,

complicado durante esta pesquisa, principalmente pelo fato de a maioria dos contatos terem acontecido tarde da noite, ou seja, em momentos pessoais de lazer e descanso. Entretanto, uma demora excessiva na resposta à mensagem também pode contribuir para uma perda de interesse por parte do interlocutor. A delimitação do campo torna-se, assim, um processo subjetivo e complexo. A internet também permite uma comunicação não limitada pelo espaço físico, o que pode alargar o campo de pesquisa indefinidamente. No caso deste estudo, esse limite geográfico pôde ser estabelecido através da ferramenta de geolocalização dos aplicativos.

As principais dificuldades do campo digital incluem o acesso por vezes limitado à internet, desencontros na comunicação de maneira geral, além de desafios relacionados à própria plataforma, que variam desde a usabilidade até a política de governança. Optei por não assinar a versão paga do Grindr, o que prejudica consideravelmente a experiência do usuário, pois o acesso à maioria dos perfis fica restrito e a quantidade de anúncios é bem desagradável.

O meio digital pode facilitar o trabalho do pesquisador por oferecer ferramentas como capturas e gravações de telas que permitem que a cena seja consultada e visitada integralmente a posteriori. Além disso, a natureza multimídia dos dados digitais, incluindo mensagens de texto e de áudio, imagens e emojis, oferece uma riqueza de informações para análise, contribuindo para uma maior compreensão das interações e práticas do chemsex nesses ambientes e fora deles. Entretanto, considero uma desvantagem importante não poder ver os sujeitos, suas expressões faciais, a maneira que se vestem ou que reagem a uma determinada pergunta. Nesse ponto, uma experiência de abordagem do fenômeno como essa pode, sim, perder elementos especiais para a pesquisa, mas não perde seu valor.

É verdade que nem todos têm facilidade para se comunicar, seja online ou offline. Através das redes sociais, enquanto algumas barreiras de comunicação se dissipam, outras podem surgir. Nem sempre a conversa vai se dar simultaneamente, pode haver diferença de horários ou problemas de internet, o que pode atrapalhar a fluidez do atendimento. Além disso, as interações tendem a ser menos densas e as falas menos espontâneas, prejudicando a compreensão mais plena da situação em questão. Mas tudo isso pode variar, pois algumas pessoas vão se sentir mais à vontade para falar anonimamente, via mensagens de texto, ou até mesmo pela câmera.

A transmissão de informações sobre gestão de prazeres e riscos funciona como uma tentativa de aproximação. A criação do perfil possibilita uma observação participante dentro dos aplicativos, que terá como objetivos principais: a) *explorar* o universo HSH nestes ambientes (como os aplicativos funcionam, como os sujeitos se apresentam, que informações privilegiam, quais expressões utilizam, como são abordados o uso de substâncias e as preferências sexuais...) e b) *interagir*, como forma de coleta de dados sobre as dinâmicas sociais nesse contexto.

Inicialmente, o perfil utilizado para a pesquisa foi um perfil "neutro", sem indicações de quem ou quantos estariam envolvidos em sua administração. O nome do perfil é

somente "redução de danos" e sua imagem, em tons de rosa, amarelo e azul, chama a atenção para o assunto que nos interessa, com o seguinte convite: "vamos falar sobre drogas, sexo e cuidado?". A descrição do perfil, limitada em termos de número de caracteres pelas plataformas, informava sucintamente o objetivo de suporte do perfil e convida para a interação, incentivando o usuário a entrar em contato caso queira saber mais sobre a gestão de prazeres e riscos relacionada ao uso de drogas e a práticas sexuais.

As interações com o perfil eram quase todas registradas, ficando salvas em uma pasta digital dedicada à pesquisa de campo. Além dessas interações, também eram selecionados os perfis que faziam alusão ao sexo químico ou a quaisquer outros elementos considerados de interesse para o estudo. Até o momento, não foi feita uma análise quantitativa dessas informações, mas pretende-se realizar um estudo que aborde este aspecto futuramente.

A escolha da etnografia digital como ferramenta para a pesquisa é fundamentada por diversas razões que se alinham às características específicas do fenômeno em questão. A prática do chemsex é frequentemente intermediada por aplicativos de relacionamento. Portanto, a etnografia digital possibilita uma imersão profunda nesse contexto digital, permitindo a observação participante online e a interação direta com as pessoas envolvidas nesse fenômeno que, como citado anteriormente, são consideradas de difícil acesso por pesquisadores e profissionais da saúde. Assim, a adoção da etnografia digital possibilita uma experiência imersiva em uma das dimensões mais relevantes do fenômeno.

9

Discussão

A entrada em campo: O Homem (gay) e seus Símbolos

A interface do Grindr é simples. Em um fundo preto, exibe uma grade de perfis com miniaturas de fotos e informações básicas dos usuários próximos. A "cara" da página principal está em constante mudança, mas é bastante comum que fique repleta de torsos de todos os tipos, sarados, peludos, sem pelos, com piercings. Muitas pessoas também não colocam nenhuma foto. Ao tocar em um perfil, é possível acessar detalhes que a pessoa escolhe compartilhar ou não, como fotos adicionais, idade, descrição, altura e peso. O sistema de mensagens permite enviar texto, áudio e imagens. A função de geolocalização mostra pessoas próximas, o que é apreciado por quem está em busca de conexões rápidas, mas também é possível explorar o mapa. Os filtros de pesquisa permitem personalizar critérios como idade, distância e interesses.

O ambiente do Grindr é bastante sexualizado. Os anúncios do aplicativo exibem corpos musculosos e seminus e a plataforma encoraja os usuários a publicar suas preferências sexuais e fetiches. Os usuários têm a opção de se registrarem de forma anônima, não sendo obrigatório realizar qualquer verificação de identidade. Os perfis geralmente não revelam nomes reais e, quando incluem fotos, frequentemente omitem

seus rostos, dificultando a identificação. Essa discrição pode ser atribuída a diversos motivos, incluindo o medo de ser reconhecido ou uma estratégia para atrair parceiros sexuais.

Os usuários costumam substituir seus nomes por expressões que indicam seus principais fetiches/desejos/práticas sexuais/atributos físicos. Por exemplo, pode observar alguns perfis que se chamavam "mamo agora", "sigilo", "tatuado com local", "rabão faminto", "ativo", "quarentão" ou "dotado". Apesar de perfis que indicam preferência pelo anonimato/sigilo serem uma ocorrência tão comum que ousaria chamar de predominante, também encontramos diversos perfis que exibem foto de rosto, nome verdadeiro e que indicam rejeição a perfis sem foto. Às vezes, a revelação do rosto através de uma fotografia pode ser negociada em uma conversa privada.

As tags (etiquetas, em tradução livre) fixadas na descrição indicam fetiches, características da personalidade e os interesses de cada um. Alguns exemplos de tag incluem "só com camisinha" ou "sem camisinha" e "sexo mais seguro", referindo-se ao tipo de cuidado de prevenção, que pode envolver uso de preservativo ou PrEP; "fastfoda", significa que a pessoa está aberta a conexões centradas em sexo; "sóbrio" e "sem drogas" indicam que a pessoa não curte usar substâncias e outras tags se referem a hobbies e passatempos, como "música", "dança" ou "trilhas".

Os emojis seguem a mesma lógica e servem como códigos que representam interesses, intenções, práticas sexuais e atributos físicos. Os emojis que designam as substâncias normalmente fazem referência às gírias utilizadas em relação a elas. Então, já que a metanfetamina também é conhecida como cristal (de *cristal meth*, do inglês), ela é representada pelo emoji do cristal/diamante, ou do anel.

Em relação às outras drogas comumente utilizadas no contexto chemsex, o raio representa a cocaína por causa da expressão "dar um raio", que significa consumir a substância. A chave virou símbolo da quetamina pelo fato de que a droga também é conhecida como *key* (chave, em inglês) e, frequentemente, os usuários dessa substância usam uma chave para medir a quantidade e inalá-la. No caso do GHB, substância líquida, uma gota foi escolhida. O poppers é simbolizado pela chama/fogo, fazendo alusão ao aumento da excitação sexual proporcionado pela substância, mas também à sua característica abrasiva. O emoji selecionado para indicar o uso de metanfetamina injetável, prática que também é chamada de *slam/slamming*, expressão originada da cena de chemsex internacional que, nesse contexto, pode ser traduzida como injetar ou aplicar, foi o foguete. O foguete, na minha interpretação, tem um significado mais simbólico e menos direto do que os outros emojis que derivam de expressões idiomáticas e, provavelmente, tem a ver com seu efeito, descrito como incomparável a outras substâncias e sensações, algo que te leva para "fora deste mundo". Para drogas menos utilizadas nesse contexto, como ecstasy (conhecido como bala) e LSD (conhecido como doce), os símbolos são uma bala e um chocolate. A maconha é representada por uma folha e o álcool e o tabaco, substâncias lícitas, contam com emojis já dentro da plataforma.

Quanto a atributos físicos ou comportamentais, alguns exemplos são a berinjela ou a banana, que normalmente querem dizer que o indivíduo é "dotado", ou seja, tem um pênis grande; o pêssego simboliza uma bunda grande; o porco representa pessoas que gostam de fetiches relacionados à falta de higiene pessoal e escatologias; o balão de festa sinaliza sexo grupal; o dinheiro quer dizer que o usuário é trabalhador sexual; a moto significa que a pessoa vende drogas em sistema de "delivery"/entrega; o carro pode representar indivíduos que trabalham como motoristas de aplicativo e as setas para cima, para baixo ou para ambas as direções indicam se a pessoa é passiva (quem prefere ser penetrado), ativa (quem prefere penetrar) ou versátil (quem é flexível em relação a essas posições), respectivamente.

Como mencionado anteriormente, todos esses códigos são de conhecimento amplo entre os usuários do aplicativo, mas não de todos. Algumas pessoas vão interpretar os emojis de acordo com suas próprias percepções, e isso pode gerar maus entendidos. Por exemplo, certa vez li um comentário na internet de um usuário chocado ao descobrir o verdadeiro significado dos emojis, pois achava que o anel queria dizer que o sujeito estava à procura de um relacionamento sério, não que estava à procura de metanfetamina. Dessa maneira, as interações nos aplicativos de relacionamento voltados para HSH podem ser mais intimidadoras e desafiadoras para aqueles usuários que não dominam a linguagem e os códigos de conduta necessários para uma comunicação mais assertiva e menos frustrante.

O Grindr demonstra preocupação em transmitir informações sobre saúde sexual dentro da plataforma. É permitido ao usuário que informe seu status de HIV, quando fez o último teste, informe quais vacinas tomou (COVID-19, Varíola dos macacos e meningite) e fornece um link que direciona ao site do aplicativo para uma seção de perguntas e respostas sobre saúde sexual e o uso de PrEP.

Já sobre redução de danos para o uso de drogas, não há disponibilidade de informações. Algumas plataformas digitais, estabelecimentos comerciais e instituições apresentam-se resistentes quanto ao reconhecimento de sua responsabilidade para com a segurança e saúde de seus clientes quando se trata de substâncias ilícitas. Isso pode acontecer por diversas razões, incluindo preocupações com regulamentações legais, receio de uma má reputação ou até mesmo pela falta de compreensão acerca da importância de sua participação na promoção de práticas mais seguras.

Fazendo redução de danos no Grindr: os primeiros contatos

Imediatamente após sua criação, em setembro de 2022, o perfil de redução de danos recebeu um alto número de visualizações, embora tenha registrado uma quantidade relativamente baixa de interações. Observou-se que muitos usuários apenas expressavam interesse através de curtidas, sem iniciar qualquer conversa. Nesse contexto, evitou-se tomar a iniciativa de iniciar contato, considerando a possibilidade de que oferecer suporte não solicitado poderia ser percebido como invasivo (Platteau et al., 2020).

Até que um usuário, sem foto, que se identificava como "SIGILO TOTAL", me enviou uma mensagem durante a tarde: "tenho interesse". Nesse momento eu senti um misto de entusiasmo e medo, pois não sabia como a conversa iria se desenrolar. Como era meu primeiro contato direto, imaginei que tudo pudesse acontecer. Respondi cordialmente e perguntei como poderia ajudá-lo. Ele respondeu, imediatamente: "Estou com vício em sexo e ritalina". Com essa frase, já fui surpreendida. A ritalina (metilfenidato, da classe das anfetaminas, normalmente utilizada para tratar transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, o TDAH) não era uma das drogas que eu esperava escutar. "Transo com 2 a 3 caras por dia. Passo o dia todo no app", ele continuou. Eu já tinha tantas perguntas, mas precisava ir com calma para não deixá-lo desconfortável. Nesse ponto, a experiência como psicóloga clínica veio a calhar.

"Entendi. Imagino que deva estar difícil pra você. Em que a ritalina te ajuda?", perguntei, procurando me mostrar compreensiva e interessada. Acredito que ter tido como primeira interação uma pessoa que não utilizava nenhuma das drogas "clássicas" do chemsex foi muito positivo. Logo de imediato eu tive uma espécie de direção para uma pergunta que me sondava na época: afinal, o chemsex no Brasil é igual ao chemsex na Europa? Stuart (2019) considerava que só poderíamos chamar chemsex a práticas sexuais que envolvessem o uso de uma dessas três substâncias: metanfetamina, GHB e/ou catinonas sintéticas, caso contrário, isso seria considerado apropriação cultural.

Compartilhamos do entendimento de que nem todo sexo com drogas é chemsex, mas não pelos mesmos critérios de Stuart. Enquanto pesquisadores no campo das drogas, entendemos que o objeto de investigação não é exatamente o produto droga, mas sim as pessoas que consomem esses produtos e as relações que estabelecem com eles. Ou seja, interessa muito mais os sentidos e lugares que dão às substâncias em suas vidas do que saber quais drogas consomem ou em que quantidade. Nesse sentido, percebemos o chemsex como um fenômeno que apresenta uma dinâmica que não depende somente de uma substância específica para acontecer.

E a conversa continuou corroborando esse pensamento: "Acho que ela estimula o meu tesão, minha libido. Não aguento mais esse app. Troquei qualquer atividade pra ficar atrás de sexo, meu lazer tem sido transar". Aqui, SIGILO TOTAL fez uma espécie de tríade ilustrativa do que eu procurava observar com essa etnografia, que é a relação dos sujeitos com a sexualidade, as drogas e os aplicativos de relacionamento. Aparentemente, ele estava com problemas em todas essas esferas.

Ele parecia bastante desesperado com a própria situação. Disse já ter tido questões de saúde mental antes e ter feito um uso problemático de cocaína no passado. Sentia que havia se abandonado de modo geral, que estava deixando de trabalhar e focando somente no sexo. Em determinado momento, pergunto como ele se cuida em relação ao sexo e ele responde que não tem se cuidado, pois não usa preservativo nem PrEP, e afirma ter transado com uns dez caras sem preservativo na última semana. Questiono se ele sabe o motivo de ter feito essa escolha e ele prossegue, numa espécie de desabafo: "Não sei.

Autopunição talvez. Acho que eu gosto da sensação de perigo. Agora que eu estou chegando à conclusão de onde eu cheguei, sabe. As coisas foram acontecendo".

Essa realização também parece comum entre alguns praticantes de chemsex. Segundo Platteau et al. (2019), muitos homens que encontraram complicações com o chemsex descrevem uma jornada que escalou de "excitante" e "exploratória" para uma atividade de alto risco. Isso se dá, pois a combinação de drogas e sexo, quando agregada a problemas associados à sexualidade e a um conhecimento precário de práticas de redução de danos, pode ter um grande potencial aditivo e ser particularmente perigosa (Stuart, 2019).

Em relação à prática de sexo sem preservativo, também podemos dizer que é uma experiência comum entre homens que fazem sexo com homens, apresentando sentidos particulares em meio a essa população. O *bareback* é considerado uma subcultura que se destaca por práticas sexuais específicas, em especial a escolha consciente de não usar preservativos durante o sexo, mesmo (ou principalmente) em situações em que há risco de transmissão de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). O termo "bareback" em inglês significa "montar o cavalo sem sela" e também é conhecido no Brasil como transar "no pêlo" ou "sem capa". A escolha de praticar sexo sem preservativo pode ser impulsionada por diversas razões, sendo uma delas a atração pela sensação de perigo associada a essa decisão.

A conversa se desenrolou, apesar de não se estender muito, e finalizamos essa troca com algumas orientações de redução de danos e indicações de serviços que poderiam ajudá-lo a começar o processo de cuidado, o que foi um pedido dele.

Um mês depois, recebi mais uma mensagem que gerou um diálogo interessante para a pesquisa. Não que durante todo esse tempo não ocorressem interações, mas nem todas viravam conversas. Muitos usuários mandavam mensagem parabenizando a iniciativa, demonstrando reconhecimento pelo trabalho e sua necessidade, mas não engajavam em responder sobre suas percepções acerca do fenômeno. Uma vez recebi uma mensagem que dizia "Finalmente uma luz no fim do túnel!", de uma pessoa que dizia não ser praticante, mas que percebia no aplicativo o discurso explícito de uso de drogas, e que muitos estavam "visivelmente" precisando de ajuda. Outras mensagens vinham de pessoas curiosas sobre o perfil. Perguntavam do que se tratava, se essa era uma iniciativa individual ou institucional, alguns desconheciam a redução de danos, outros interpretavam mal o perfil e entendiam como *um convite* para sexo com drogas.

Dessa vez, o nome do usuário que me procurava era "putaochupador" e ele já iniciou a conversa de maneira direta: "E aí, beleza? Estou viciado em fazer sexo usando cocaína. Mas uso pouco, só pra dar uma leve brisa". Respondi perguntando se, mesmo sendo pouco, aquilo o estava preocupando e como essa brisa ajudava na hora do sexo. Ele disse que não estava muito preocupado porque sabia se controlar, e que a brisa o fazia se sentir "puto e corajoso". Logo depois, disse que iria tentar passar um tempo sem usar para ver qual seria sua reação, mas que ficava preocupado em estar "viciado". Questionei o porquê dele

precisar de coragem. "Não sei, acho que tira a timidez", ele respondeu, "mas às vezes dá uma brochada". Putaochupador me contou que o uso da cocaína estava mais atrelado ao sexo do que outras drogas que ele consumia recreativamente, em festas, como o ecstasy, e que quando marcava um encontro com alguém já sentia "tesão para usar", tornando difícil fazer sexo sem. Indaguei como ele achava que se sentiria caso não usasse, ao que ele respondeu dizendo que poderia ser um pouco sem graça, mas que iria tentar, para ver como se sente. Falamos mais um pouco sobre cuidado, sobre estratégias de redução de danos para uso de cocaína e saúde sexual e ele agradeceu a ajuda.

Percebi que alguns dos homens que me procuravam percebiam que algo estava fora de lugar ou começando a preocupá-los a respeito da combinação de drogas e sexo, mas, ao mesmo tempo, tentavam diminuir a gravidade da situação, acredito que para eles mesmos. Pouco tempo depois dessa conversa, outro usuário solicitou minha ajuda com questões parecidas. O perfil se chamava "c/l", que significa "com local", expressão muito comum em apps voltados para homens que fazem sexo com homens. Quer dizer, literalmente, que a pessoa tem um espaço para o encontro acontecer. Primeiro, ele apenas elogiou a iniciativa. Eu aproveitei o gancho para oferecer ajuda ou escuta e ele demonstrou interesse.

Respondeu afirmativamente à pergunta que fiz, se usava drogas em contexto sexual. Disse que usava poppers, "gi" (expressão usada para se referir ao GHB) e que havia começado a usar "tk" (abreviação de "teco", sinônimo de cocaína). Continuei, buscando saber se esse uso estava sendo uma questão para ele. "Então, eu fico com medo de não conseguir mais fazer sem. Não atrapalha em nada na minha vida, mas é algo que entrou na rotina, sabe?"

Quando questionado sobre a frequência com que fazia sexo sóbrio, afirmou que raramente não usava drogas para transar e, quando o fazia, não curtia tanto quanto. Essa também é uma questão comum, não só para putaochupador e SIGILO TOTAL, mas para muitos praticantes de sexo químico. As drogas utilizadas para sustentar as sessões de sexo químico oferecem uma experiência de prazer tão extraordinária que pode se tornar difícil ter relações sexuais sóbrias satisfatórias posteriormente, o que pode se desdobrar em prejuízos sociais ao indivíduo (Pollard et al., 2018).

Em alguns pontos, as experiências, por mais que sejam sempre singulares, não são tão distintas assim entre praticantes de chemsex brasileiros e europeus. Em relação ao uso de metanfetamina e seus efeitos na vida de seus consumidores, também houve semelhanças. A metanfetamina não era uma droga de fácil acesso no Brasil até pouco tempo atrás. Relatos compartilhados entre redutores de danos e profissionais da saúde apontam que foi no período da pandemia, em 2020, que o consumo dessa substância ficou mais popularizado, principalmente nos grandes centros urbanos (São Paulo e Rio de Janeiro) e entre a população de homens que fazem sexo com homens.

Em setembro de 2023, um ano após o primeiro contato via Grindr relatado anteriormente, um usuário com emoji de foguete me procurou para obter informações sobre estratégias de redução de danos. Disse que gostaria de saber mais sobre

metanfetamina, mas também sobre cocaína e quetamina. Apesar do emoji indicar a via de utilização de preferência, pergunto se ele faz uso de metanfetamina fumada ou injetável. "Fumava mais. Agora quase não fumo. Faço mais *slam* mesmo." Continuo a conversa, com a intenção de compreender melhor em que contexto aquele uso estava se dando. Ele disse que usava somente em contextos sexuais, e fazia poucos meses que estava fazendo isso. Questiono se ele vem sentindo dificuldade em fazer sexo sem "tina" (expressão utilizada para se referir à metanfetamina). Ele responde afirmativamente: "Sinto. É um problema. Mas o meu maior desconforto que a tina trouxe nos últimos dias é a paranoia e a vontade quase incontrolável de usar de novo. É algo que vejo com um potencial grande de dominar tudo. Tipo, eu tive dois episódios de paranoia mais forte. E apesar de eu saber que eu estava sendo paranoico, eu não conseguia não deixar de acreditar nela."

Stuart (2019) comenta que o efeito das drogas, em especial da metanfetamina, é descrito por alguns homens como uma caixa de pandora de fantasias sexuais sendo aberta, enquanto outros descrevem a droga como capaz de remover o filtro que os ajuda a discernir entre comportamentos considerados "apropriados" e "inapropriados". Enquanto alguns homens que se engajam na prática do chemsex podem experimentar o efeito desinibidor das "chems" como extremamente prazeroso e libertador, outros, quando sóbrios, podem se deparar com as escolhas que fizeram sob efeito das substâncias e senti-las de maneira insuportável. Para homens que sofrem do que chamamos de preconceito/homofobia internalizada e têm dificuldades em aceitar seu desejo homossexual o dia seguinte de uma sessão pode ser especialmente difícil.

No momento em que questionei esse usuário do Grindr a respeito da existência de quaisquer inibições ou dificuldades relacionadas à sexualidade, ele respondeu: "Então, eu sou assumido. Não vejo muitos problemas em relação a isso. Eu tenho algumas questões psicológicas. Tenho depressão e ansiedade social. Minha fobia já é bem tratada. Tenho um controle bom no dia a dia com ela. O pior é a depressão. Aí acho que o meu uso está muito ligado a quão ruim eu me sinto sem usar nada e o quão bom eu me sinto usando."

A desinibição, o prazer e a autoconfiança proporcionados pelas substâncias não devem ser subestimadas. Para pessoas em sofrimento, seja qual for a origem, a promessa de uma "pílula mágica" é extremamente atraente. No entanto, sabemos que não existem tais soluções prontas, e atribuir às drogas esse tipo de poder pode ser arriscado. As substâncias psicoativas podem sim provocar sensações e insights positivos e duradouros, mas não vão, súbita e isoladamente, resolver todos os conflitos do sujeito com a cultura, e apostar demasiadamente nisso pode ter um preço alto.

"Em maio desse ano, usei tina. Só fumando. Mas estava sendo muito bom. Resolvi fazer *slam*. A frequência foi aumentando, fazendo todo fim de semana. E tive um episódio que fiquei uma semana toda fazendo", continuou o usuário do Grindr. "Já usei mais outras substâncias (hoje quase nunca) como cocaína, key, gi, poppers... mas nenhuma teve um efeito tão bom quanto a metanfetamina. Eu não sentia falta se não usasse as outras".

Segundo a página do renomado coletivo de redução de danos americano *Dancesafe*, a metanfetamina, também conhecida como tina, T, ice, cristal ou meta, é uma droga estimulante de longa duração. Alguns dos efeitos dessa substância incluem aumento da confiança, da sociabilidade e da energia, sentimentos de competência e uma diminuição da necessidade de sono. Em doses mais altas, ela gera uma intensa euforia e muitos usuários relatam aumento da libido e da excitação sexual quando utilizam essa droga.

A fase de recuperação, também conhecida como "rebordose", após o uso de metanfetamina pode ser extremamente desafiadora e causar ansiedade e depressão, o que pode levar a uma redosagem compulsiva e padrões de uso de vários dias seguidos. A privação de sono oriunda do uso exagerado de metanfetamina pode ter sérios impactos negativos na saúde física e mental do usuário, como a paranoia, uma consequência comum de alguém estar acordado por três dias ou mais, independentemente do uso de drogas.

Nesse sentido, destaca-se a importância do conhecimento em estratégias de redução de danos para quem decide se aventurar com a metanfetamina. Isso, evidentemente, também serve para todas as outras substâncias psicoativas. Mais uma vez, o que importa verdadeiramente é a relação que os sujeitos estabelecem com as substâncias, pois drogas diferentes podem proporcionar resultados similares em diferentes sujeitos e vice-versa. O efeito de uma droga não é o mesmo para todo mundo, ele está condicionado a outros elementos da cena em questão, sempre interagindo com a subjetividade do indivíduo ("set") e com o contexto em que ele está inserido ("setting") (Fernandes, 2015).

16

O uso de metanfetamina pela via injetável aumenta a intensidade, assim como os riscos. Esse crescimento do consumo de metanfetamina traz de volta antigas preocupações da redução de danos brasileira, visto que os tempos de trabalho com pessoas que usam drogas injetáveis pareciam ter ficado para trás. Tenho pouca experiência com essa via de consumo, e a maioria dos materiais de redução de danos sobre esse tema são de fora do país.

Pergunto ao usuário do Grindr se poderia enviar material em inglês ou espanhol, e ele diz que sim. Este usuário aparentava pertencer a uma classe social mais alta, tanto pela maneira que se comunicava, quanto por pequenos detalhes que transmitiam essa possibilidade, incluindo a escolha da droga, pois a metanfetamina costuma ser consumida por pessoas de maior poder aquisitivo devido ao seu alto custo. É difícil inferir sobre questões de ordem sociodemográfica através do aplicativo quando estas não estão colocadas. O fato de, na maioria das vezes, não haver foto nos perfis também dificulta a apreensão de determinadas caracterizações dos sujeitos.

Os artigos científicos internacionais apontam para a ideia de que o chemsex é praticado majoritariamente por pessoas brancas de classe média a alta (Stuart, 2019; Platteau et al., 2019; Pollard et al., 2018). Entretanto, o mercado das substâncias ilícitas é sofisticado e apresenta produtos para vários tipos de consumidores. Se restringirmos a definição do fenômeno a determinadas substâncias, também restringimos seus praticantes. Não haveria chemsex nas periferias?

Continuando a conversa com o usuário do foguete, como estou interessada em saber se ele já lança mão de alguma estratégia, pergunto como ele se cuida em relação a isso. Ele responde: "Então, eu não me aplico porque não consigo. Mas aprendi o que fazer ou não fazer quando aplicar para não deixarem fazer comigo na hora da aplicação. Mas só isso, acho." Essa fala trouxe a necessidade de abordar um outro assunto, que também tem relação com a redução de danos, acerca dos cuidados ao usar drogas com desconhecidos. O estado de entorpecimento pode nos colocar em situação de vulnerabilidade e, potencialmente, em perigo. Por isso, a recomendação na perspectiva da redução de danos é, sempre que possível, consumir com pessoas de confiança. Mas, como esse não é o caso da maioria dos praticantes de chemsex, eu pergunto se ele começou a usar metanfetamina a partir de encontros via aplicativo: "Sim", ele respondeu, "só usei com pessoas através de apps de encontro mesmo. Pessoas que conhecia na hora e ia usar. Situações perigosas."

Sendo assim, apesar da legitimidade da recomendação acerca da companhia confiável no momento do uso, sabemos que é uma situação ideal. Uma das premissas da redução de danos é lidar de maneira realista com o uso de drogas, então oriento o usuário do Grindr a avisar algum amigo ou pessoa de confiança quando tivesse um encontro desse tipo, mas ele afirma não ter ninguém para fazer isso em São Paulo, pois é de outra cidade.

A busca por parcerias em um ambiente digital pode proporcionar uma sensação de maior proteção, pois a exposição pública é mais controlada. O aplicativo também permite que as práticas sexuais e o uso de substâncias sejam negociados previamente, o que pode ser desafiador no momento do encontro devido a questões pessoais ou pelo próprio entorpecimento. No entanto, o app também pode ser um fator de risco. A literatura acadêmica internacional e histórias locais relatam casos de homens que, ao receberem desconhecidos em suas casas, sofreram violência física ou sexual, além de terem seus pertences roubados (Stuart, 2019). Foi o que aconteceu com um usuário do Grindr que se identificava como "Bezerra" e que me pediu ajuda relacionada ao uso de cocaína.

Bezerra entrou em contato comigo para saber se existia alguma relação entre o uso de cocaína e baixo ferro no sangue, porque gostava de cheirar antes do sexo e seus exames indicaram essa deficiência. Nunca tinha ouvido falar nisso e não sabia responder, então pedi ajuda a alguns amigos. Mas o que me chamou mais a atenção foi que, logo depois, ele disse: "E há um mês atrás eu fui alvo de um golpe onde a pessoa me deu uma dosagem muito alta de key, o anestésico ketamina. E depois disso toda vez que eu cheiro fico sentindo uma dor do lado esquerdo no coração, mas fiz exames de coração e deu tudo bem, tô achando que é do estômago...".

Pedi para ele me contar mais sobre esse episódio. "O marginal colocou uma quantidade grande enrolada em uma nota de 100 reais e me deu pra eu cheirar. Quando eu coloquei no nariz pensando que eu ia dar uma leve cheirada, ele deu um sopro do outro lado e entrou toda a quantidade dentro do meu nariz". Me solidarizei com a situação traumática que ele passou, e ele me enviou uma mensagem de voz, complementando a história: "(...) em poucos minutos eu desfaleci, e ele roubou meu iPhone, roubou meu relógio e alguns

pertences meus... e eu tinha levado ele para dentro da minha casa!" Depois do ocorrido, Bezerra foi acudido por um funcionário (ele mora em cima do negócio em que trabalha), disse que conseguiu gritar por ajuda e passou o dia no pronto socorro, mas os efeitos desagradáveis da intoxicação exagerada e involuntária permaneceram durante dois dias. Todavia, acredito que as marcas deixadas por esse episódio duram até hoje.

Bezerra conta que entrou em "depressão" depois da violência que sofreu. Se sentia "trouxa" por ter caído nesse golpe: "como eu fui cheirar uma coisa que outra pessoa que levou, que eu nem conheço, né? Eu fiquei vários dias sem nem conseguir transar, mas agora eu superei, estou bem." Nisso, ele volta a falar da dor física, preocupado se a grande quantidade de ketamina teria causado alguma lesão, dizendo que sente "como se fosse uma ferida", toda vez que vai cheirar.

Não pude deixar de imaginar que a ferida não era somente física. Incentivei ele a continuar investigando com um médico, e perguntei se ele tinha algum tipo de acompanhamento psicológico. Ele respondeu que não, mas que tinha algumas clientes psicólogas que também sugeriram que parte dessa dor poderia ser emocional, pois ele ficou muito abalado, se sentindo culpado, sem conseguir se perdoar por ter "caído num golpe desse". Reiterei que não era sua culpa, que ele havia sido vítima de uma violência. Ainda assim, comentei que dessa situação poderiam surgir reflexões, por exemplo, sobre como era a relação entre drogas e sexo para ele e sobre os encontros via Grindr.

"Então, doutora Marina, eu peguei esse vício, essa mania, de toda vez que vou fazer sexo dar uma cheirada. Não muito, eu curto fazer umas duas linhas, só pra dar aquela brisa e ficar mais corajoso, mais afoito na hora do sexo e pronto, só isso mesmo. Eu não curto cheirar diariamente, (...) pra mim só funciona na hora do sexo. Tudo pra mim é na hora do sexo, eu vou dar um trago num cigarro na hora do sexo, eu curto dar uma cheirada na hora do sexo. (...) Eu até viajei esse final de semana para o Rio de Janeiro e consegui transar lá sem. Agora eu estou assim, me esforçando para me libertar".

Essa fala de Bezerra traz à tona uma questão presente desde o início. Não se trata de uma relação com as drogas ou com o sexo isoladamente, mas sim, a combinação dos dois. Um não vai sem o outro. O problema, muitas vezes, incide justamente em não ser possível para o sujeito separá-los. Algo de muito particular acontece quando essas duas coisas se unem, e acredito que esta seja uma das chaves para pensar o fenômeno, incluindo a melhor abordagem em termos de saúde.

As interações com o perfil de redução de danos alternaram entre solicitações de ajuda mais abrangentes, onde apresentavam suas preocupações principais, como a associação problemática entre drogas e sexo, e pedidos mais simples de informações sobre redução de danos. Em ambos os casos, foram enviados materiais informativos e oferecido um espaço para esclarecer dúvidas sobre o uso mais seguro de drogas e práticas sexuais. Também houve casos em que foi possível auxiliar na busca por um serviço especializado para acompanhamento em saúde.

As principais limitações da intervenção foram relacionadas ao alcance do perfil, que se restringia a um raio específico e aos locais que eu frequentava. Pretende-se avaliar maneiras de expandir o alcance futuramente. Poderia ser interessante que outros perfis semelhantes fossem criados em diferentes regiões do país para compartilhamento de experiências. Ainda assim, o espaço de escuta e cuidado foi bem recebido pelos usuários e gerou contatos importantes, ressaltando a relevância do digital na abordagem do fenômeno, seja como forma de suporte ou como ferramenta de análise da dinâmica para a elaboração de estratégias em saúde adequadas. Mas outra limitação importante diz respeito à assimetria de poder existente entre usuários e plataformas digitais, e isso ficou claro dia 24 de março de 2024, cerca de 2 anos após a criação do perfil, quando minha conta foi banida.

O Grindr alega não poder responder qual foi o motivo exato do banimento da conta, que pode ter sido denunciada ou imediatamente banida através da tecnologia de moderação automatizada, mas também informam utilizar recursos humanos para avaliar as denúncias. Afirmando que banir um perfil é seu último recurso, "no entanto, se acreditarmos que alguém está violando as regras e tornando o Grindr ruim para a comunidade, tomaremos as devidas providências. Também é possível que tomemos medidas visando impedir a criação de perfis futuros ("Como o Grindr modera conteúdos e perfis", s.d.)."

O homem no qual me inspirei para a criação do perfil, Ignacio, também passou pela mesma situação. A atitude de banimento de perfis de suporte em saúde para seus usuários fica cada vez mais inexplicável e contraditória conforme se aprofunda na leitura das diretrizes da comunidade, disponíveis no site da plataforma. Teoricamente, tudo o que a equipe de moderação do Grindr faz é com base nos seguintes princípios e valores: oferecer apoio à comunidade LGBTQ; expressão da individualidade, positividade sexual e consentimento; gentileza, inclusão e cuidado um com as outras pessoas; e segurança, autenticidade e direito à privacidade.

Ficou difícil de compreender em que momento qualquer um desses princípios foi ferido, pois inclusive acredito que tenham sido totalmente reafirmados com a proposta apresentada. O que isso diz sobre o "apoio" que o Grindr oferece à comunidade? Além do mais, quando uma pessoa é verdadeiramente ofendida ou violentada através da plataforma, qual é o tipo de suporte que o Grindr oferece? Percebemos um empenho discursivo importante para demonstrar preocupação e cuidado com seus usuários em seus termos de serviço e diretrizes da comunidade. Contudo, fica evidente que a verdadeira natureza destes contratos é de negação de responsabilidade da plataforma por quaisquer conflitos, danos ou prejuízos que ela possa vir a causar para seus usuários. Não há sequer uma menção à saúde mental, por exemplo, ainda que diversos estudos apontem que o uso do Grindr pode afetar diretamente o bem-estar físico e emocional de seus utilizadores (Obarska et al., 2020; Stuart, 2019; Mowlabocus, 2021).

Numa tentativa de evitar responsabilização pelo que acontece em seus domínios, plataformas como o Grindr costumam se apresentar enquanto meros intermediários entre usuários, anunciantes e conteúdo, "como artefatos neutros que permitiriam uma circulação

mais aberta e democrática de informações e serviços" (D'Andréa, 2020, p.19). Elas se vangloriam de facilitar que seus usuários se expressem (sexualmente, artisticamente, intelectualmente, etc.), mas não querem assumir seus encargos quando essas expressões ultrapassam limites éticos e legais (Gillespie, 2010). Não obstante, entendemos que as plataformas não são meras intermediárias, mas sim ambientes que condicionam a emergência de um social e acabam atuando, na verdade, como mediadoras de tais interações (D'Andréa, 2020).

A equipe do Grindr demorou um mês para responder à minha solicitação, mas o fez de uma maneira inesperada. O tratamento foi personalizado, não se tratava de uma resposta padronizada destinada a todos os usuários. Embora não possa afirmar com certeza como a resposta foi elaborada, ela começou com um agradecimento: "É ótimo saber sobre o trabalho que você está fazendo para ajudar a educar a comunidade local."

Eles informaram que minha conta havia sido banida devido a uma denúncia de *spam* e, em outras palavras, solicitaram que eu não importunasse os usuários com os meus serviços. É importante reiterar que eu não enviava mensagens não solicitadas às pessoas, uma escolha consciente de não oferecer suporte sem que fosse requisitado. No entanto, nunca saberei quem fez a denúncia ou o motivo exato, podendo até mesmo ter sido a própria plataforma.

Minha conta foi restabelecida sem grande resistência. Quando percebi que estava sendo realmente ouvida, aproveitei para advogar em favor da causa. Defendi minha posição e sugeri que seria de grande apoio se o Grindr me oferecesse, por exemplo, uma conta premium (paga), permitindo-me realizar esse trabalho com ainda mais alcance, pois acreditava profundamente que esse trabalho beneficia tanto a plataforma quanto a comunidade que ela representa. Também sugeri que disponibilizar informações sobre redução de danos, assim como fazem com as questões relacionadas à saúde sexual, demonstraria um grande esforço do Grindr em reconhecer sua responsabilidade e em propor ações de cuidado para com seus usuários.

No entanto, desta vez, a resposta foi mais incisiva: "Não oferecemos parcerias nem endossamos interações como essa no aplicativo. Sinta-se à vontade para entrar em contato de forma respeitosa e enviar materiais importantes para as pessoas, mas lembre-se de que o Grindr é destinado ao uso pessoal de indivíduos." Além disso, reiteraram que o compromisso deles é com a saúde *sexual* dos usuários, ou seja, não desejam assumir responsabilidade em questões relacionadas ao uso de drogas.

De qualquer maneira, fi o manejo da plataforma foi surpreendente, pois imaginei que não permitiriam a existência de um perfil que abordasse o tema das drogas. No fim, recuperei meu perfil e fiquei parcialmente satisfeita com a forma como isso ocorreu. Contudo, ficou claro que não podemos contar com o Grindr para abordar questões de chemsex.

Apesar de suas declarações de compromisso com a comunidade LGBTQIAPN+, o Grindr, no fim das contas, permanece uma plataforma comercial cujos interesses são, em

última análise, econômicos. Essa realidade é evidenciada pela recusa em estabelecer parcerias ou endossar iniciativas que poderiam trazer benefícios significativos à comunidade, como a disponibilização de informações sobre redução de danos relacionados ao uso de drogas. Ao priorizar a preservação de sua imagem e evitar possíveis implicações legais, o Grindr revela uma falta de disposição em assumir responsabilidades mais amplas em prol do bem-estar de seus usuários. Tal postura demonstra que, para a plataforma, a maximização de lucros prevalece sobre a promoção de práticas de saúde pública que poderiam efetivamente auxiliar uma parcela de sua comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno do chemsex, caracterizado pelo uso de substâncias psicoativas em contextos sexualizados, é uma prática que vem recebendo maior atenção da mídia e dos profissionais da saúde no Brasil. Observamos que a combinação entre sexo e drogas ganha nuances específicas entre a população de homens que fazem sexo com homens, revelando-se como uma prática complexa, marcada pela ambivalência.

Até o momento da escrita desta dissertação, a produção acadêmica brasileira sobre esse tema era extremamente escassa, quase inexistente, e os poucos textos que discutiam a temática apresentavam pouco ou nada de novo sobre o contexto local. Nesse sentido, parte importante deste trabalho era procurar aproximações e distanciamentos das experiências do Norte Global, já extensamente documentadas, para compreender como era o chemsex em São Paulo. A análise dos dados coletados nessa pesquisa revelou achados divergentes em relação à literatura científica internacional sobre chemsex, especialmente no que diz respeito à definição da prática. Essa divergência se dá pela escolha e tendência dos estudos analisados em definir o fenômeno a partir do uso de determinadas drogas, enquanto entendemos que a definição não deve dar prioridade às substâncias, visto que há particularidades culturais e mercadológicas que interferem na disponibilidade das mesmas. Também não podemos deixar de lembrar que a dimensão subjetiva da experiência com drogas psicoativas é determinante no efeito e na relação que será estabelecida com o produto, e essa relação é o nosso principal interesse e critério de avaliação.

Em contrapartida, parece haver uma semelhança significativa no que tange às experiências dos praticantes. Isso indica que podemos nos beneficiar das produções estrangeiras sobre o tema, mas não devemos importar modelos acrílicos de categorização e intervenção. É fundamental ressaltar a necessidade de mais abordagens contextualizadas e sensíveis às particularidades de cada indivíduo e situação, levando em consideração aspectos culturais, sociais, geográficos e linguísticos que compõem o fenômeno do chemsex.

A utilização da etnografia digital e a criação de um perfil de suporte no aplicativo Grindr emergem como estratégias interessantes para acessar e compreender um pouco melhor os sujeitos envolvidos no chemsex. Além disso, ficou evidente que os praticantes de

chemsex precisam de abordagens terapêuticas que levem em conta a dimensão psicológica, subjetiva. Os profissionais da saúde devem ser pessoas habilitadas não só em técnicas e estratégias de redução de danos pragmáticas, mas também aptas a oferecer escuta qualificada.

A experiência com sexo químico apresenta, frequentemente, sentimentos conflitantes e, portanto, requer uma postura empática e acolhedora. Muitas vezes o sujeito se encontra em sofrimento, pois sente ao mesmo tempo prazer e dor, euforia e tristeza, liberdade e aprisionamento. Pedir ajuda costuma ser um momento bastante delicado para pessoas que fazem um uso problemático desse recurso, e o encontro com uma rede de atenção à saúde preparada ou um bom profissional é o que vai determinar a qualidade e a continuidade do acompanhamento. Por isso, também é importante investir em capacitação e formação contínua para os profissionais de saúde, bem como promover políticas públicas que garantam o acesso a tratamentos e serviços especializados, que sejam orientados pela redução de danos e culturalmente adequados.

O meio digital, representado neste trabalho pela experiência no aplicativo de relacionamento Grindr, mostrou-se como uma ferramenta promissora na disseminação de informações de redução de danos para o chemsex. Sua acessibilidade, alta adesão por parte dos praticantes e capacidade de alcançar aqueles que enfrentam barreiras nos serviços de saúde ressaltam a relevância estratégica desse meio na promoção de cuidado. A possibilidade de acessar ajuda, escuta e informação de maneira totalmente anônima e sem precisar sair de casa pareceu ser bem aceita pelos usuários do aplicativo.

Este é um estudo de caráter exploratório e marca um ponto de partida para investigações futuras na área. Algumas análises importantes foram pouco discutidas nesta pesquisa, como caracterizações geracionais, raciais e econômicas entre os praticantes. Nem sempre foi possível avaliar esses fatores via Grindr. A abordagem utilizada indica um modo de compreensão do fenômeno do chemsex no qual estabeleceu-se o compromisso de evitar análises patologizantes, que reforçam estigmas e tendem a enfatizar apenas as dimensões problemáticas. Em vez disso, pretende-se fazer entender que existem aspectos positivos para os praticantes e que muitos saberão lidar bem com essa prática. Entre esses aspectos, podemos destacar uma maior satisfação sexual, sentimentos de libertação, prazer e conexão emocional, bem como o fortalecimento dos laços sociais. Os benefícios mencionados merecem ser enfatizados, especialmente ao considerar os potenciais danos à construção da identidade e à expressão da sexualidade para indivíduos que enfrentam desafios inerentes à experiência de dissidência sexual na nossa sociedade, como a homofobia, a violência e a estigmatização de seus modos de vida.

Espera-se que essa pesquisa enriqueça a compreensão do chemsex, ressaltando a relevância do digital na abordagem do fenômeno, seja como forma de suporte ou como ferramenta de análise da dinâmica. Concluimos com a noção de que ainda é preciso aprimorar a oferta de cuidado para os praticantes e que o caminho para intervenções eficazes requer uma abordagem localizada, sensível e informada. Endossamos a necessidade

de mais estudos de áreas de conhecimento diversificadas sobre o tema, pois se trata de um fenômeno que possibilita análises de diferentes campos disciplinares. Ainda assim, destacamos como a principal contribuição deste trabalho o entendimento de que o chemsex, embora frequentemente associado a aspectos de adoecimento e sofrimento, se aproxima bem mais de uma busca legítima por alívio, por prazer e pela realização de desejos profundamente humanos.

REFERÊNCIAS

DanceSafe. Methamphetamine. <https://dancesafe.org/speed/>

Daroya, E. (2017). "Not Into Chopsticks or Curries": Erotic capital and the psychic life of racism on Grindr. In D. W. Riggs (Ed.), *The Psychic Life of Racism in Gay Men's Communities* (pp. 67-80). Lexington Books.

D'Andréa, C. (2020). Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos. EDUFBA. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32043>

Evans, K. (2019), "The psychological roots of chemsex and how understanding the full picture can help us create meaningful support". *Drugs and Alcohol Today*, 19(1), 36-41. <https://doi.org/10.1108/DAT-10-2018-0062>

Ferraz, C. P., & Alves, A. P. (2017). Da etnografia virtual à etnografia online. Deslocamentos dos estudos qualitativos em rede digital. *Anais do 41º Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu (pp. 1-25). <https://biblioteca.sophia.com.br/terminal/9666/acervo/detalhe/2978?returnUrl=%2Fterminal%2F9666%2Facervo%2Fdetalhe%2F16%3FreturnUrl%3D%252Fterminal%252F9666%252Facervo%252Fdetalhe%252F3210>

Garcia, A. C., Standlee, A. I., Bechhoff, J., & Yan Cui. (2009). Ethnographic Approaches to the Internet and Computer-Mediated Communication. *Journal of Contemporary Ethnography*, 38(1), 52-84. <https://doi.org/10.1177/0891241607310839>

Gillespie, T. (2010). The politics of platforms. *New Media & Society*, 12(3), 347-364. <https://doi.org/10.1177/1461444809342738>

Grindr. (2022). *Sobre*. Disponível em: <https://www.grindr.com/about/>

Hine, C. (2015). *Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday*. Bloomsbury.

Milhet, M., Shah, J., Madesclaire, T., & Gaissad, L. (2019). Chemsex experiences: Narratives of pleasure. *Drugs and Alcohol Today*, 19(1), 11-22. <https://doi.org/10.1108/DAT-09-2018-0043>

Miskolci, R. (2015). Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 8(11), 51-78. <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6543>

Miskolci, R. (2017). *Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line*. Autêntica.

Mowlabocus, S. (2021). 'Kindness is Our Preference': Hook-Up Apps As Technologies of Polite Incivility. In S. Mowlabocus, *Interrogating Homonormativity. Gay Men, Identity and Everyday Life* (pp. 109-139). Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-3-030-87070-6_5

Obarska, K., Szymczak, K., Lewczuk, K., & Gola, M. (2020). Threats to Mental Health Facilitated by Dating Applications Use Among Men Having Sex With Men. *Frontiers in psychiatry*, 11, 584548. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2020.584548>

Pelúcio, L. (2016). Afetos, mercado e masculinidades contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivos/sexuais. *Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar*, 6(2), 309-309. <http://dx.doi.org/10.4322/2316-1329.016>

Platteau, T., Pebody, R., Dunbar, N., Lebacqz, T., & Collins, B. (2019). The problematic chemsex journey: a resource for prevention and harm reduction. *Drugs and Alcohol Today*, 19(1), 49-54. <https://doi.org/10.1108/DAT-11-2018-0066>

Platteau, T., Herrijgers, C., & de Wit, J. (2020). Digital chemsex support and care: The potential of just-in-time adaptive interventions. *The International journal on drug policy*, 85, 102927. <https://doi.org/10.1016/j.drugpo.2020.102927>

Pollard, A., Nadarzynski, T., & Llewellyn, C. (2018). Syndemics of stigma, minority-stress, maladaptive coping, risk environments and littoral spaces among men who have sex with men using chemsex. *Culture, health & sexuality*, 20(4), 411-427. <https://doi.org/10.1080/13691058.2017.1350751>

Del Rei, M., & Adorno, R. C. F. (2024). Redução de danos e chemsex em aplicativos voltados para HSH. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 3, e024a07.

Rigoni, R., Breeksema, J. J., & Woods, S. (2018). *Speed limits: Harm reduction for people who use stimulants*. MAINline. <https://mainline.nl/en/product/speed-limits-report/>

Rubin, G. (2018). *Políticas do sexo*. Ubu.

Stuart, D. (2019), "Chemsex: origins of the word, a history of the phenomenon and a respect to the culture", *Drugs and Alcohol Today*, 19(1), 3-10. <https://doi.org/10.1108/DAT-10-2018-0058>

Schermele, Z. (2022). *Over a decade after founding Grindr, Joel Simkhai wants a do-over*. NBC News. <https://www.nbcnews.com/nbc-out/out-life-and-style/decade-founding-grindr-joel-simkhai-wants-rcna56083>

Torres, T. S., Konda, K. A., Vega-Ramirez, E. H., Elorreaga, O. A., Diaz-Sosa, D., Hoagland, B., Diaz, S., Pimenta, C., Bennedeti, M., Lopez-Gatell, H., Robles-Garcia, R., Grinsztejn, B., Caceres, C., Veloso, V. G., & ImPrEP Study Group (2019). Factors Associated With Willingness to Use Pre-Exposure Prophylaxis in Brazil, Mexico, and Peru: Web-Based Survey Among Men Who Have Sex With Men. *JMIR public health and surveillance*, 5(2), e13771. <https://doi.org/10.2196/13771>

25

Recebido em: 27/01/2024

Reapresentado em: 01/07/2024

Aprovado em: 29/07/2024

SOBRE OS AUTORES

Marina Del Rei é psicóloga (UFRJ), Mestre em Saúde Pública (USP), Especialista em atenção a usuários de álcool e outras drogas pelo Programa de Estudos e Assistência ao Uso Indevido de Drogas (PROJAD/IPUB-UFRJ), redutora de danos e psicanalista. Participa como cosupervisora do projeto de extensão "Conexão RD: Redução de Danos, Rede e Território – Conexões do Centro de Convivência PROJAD na interface arte/saúde/cultura" (UFRJ).

Rubens de Camargo Ferreira Adorno é Professor Aposentado da Faculdade da Saúde Pública da Universidade de São Paulo, graduado em Ciências Sociais pela UNICAMP, Doutor em Saúde Pública pela USP, Livre Docente (1997). Atualmente orientador credenciado nos Programas de Pós-Graduação em Saúde Global e Sustentabilidades e Pós-Graduação em Saúde Pública.